

XIII Conferência Internacional

**Avaliação Psicológica:
Formas e Contextos**

PROGRAMA & RESUMOS

**Departamento de Psicologia
Braga: Universidade do Minho, Campus de Gualtar
2 a 4 de Outubro, 2008**

Avaliação da Satisfação Parental: Adaptação do Parental Satisfaction Scale (Halverson & Duke , 1991)

Sónia Bárcia & Manuela Veríssimo
(Universidade Atlântica & ISPA)

A parentalidade é uma das modificações mais importantes na vida familiar, o nascimento de um filho, leva a alterações na vida do homem e da mulher, a nível físico, mental, divisão de tarefas, interacção social e relação laboral (White, & Booth, 1985; Wicki, 1999; Cappuccini & Cochrane, 2000; Knauth, 2001; Ceballo, Lansford, Abbey, & Stewart, 2004; Gjerdingen, & Center, 2005; Hsu, 2004; Glade, Bean, & Vira, 2005). Socialmente muitos casais só se sentem verdadeiramente uma família, quando têm filhos (Pittman, Wright, & Lloyd, 1989). O significado, o valor e o papel parental têm sofrido alterações ao longo dos anos (Goetting, 1986; Ogzun & Honig, 2005). Factores como a diminuição da taxa de natalidade (1.41 filhos, em 1995, para 1.35, em 2006), aumento da idade da mãe no primeiro filho (24.2 anos, em 1990, para 27.8 anos, em 2005), o aumento da taxa de divórcios (1.2 em 1995, para 2.3 em 2006, por 1000 pessoas), tem levado a que diversos profissionais se tenham interessado pelo assunto e tenham vindo a desenvolver ao longo dos anos estudos, que vão no sentido de perceber qual a repercussão que estas alterações têm a nível da população (Emery & Lloyd, 2001; Freysinger, 1994; Goetting, 1986; Guidubaldi & Clemishaw, 1985; INE, 2002, 2007; Ceballo et al, 2004; Eurostat, 2008).

Satisfação parental é um conceito difícil de conceptualizar, esta dificuldade na conceptualização pode levar a compromissos na validade dos resultados (Sabatelli & Waldron, 1995). Mercer (1986) apresenta uma definição de satisfação parental, para a autora esta pode ser definida como a percepção de prazer e gratificação relacionadas com o papel de mãe/pai. Sabatelli e Waldron (1995) referem que esta pode ser usada para caracterizar a atitude dos pais em relação às responsabilidades inerentes à parentalidade. A satisfação parental é diferente de satisfação familiar e está directamente relacionada com os altos níveis de satisfação com a vida, altos níveis de satisfação marital, baixos valores de violência familiar e com a maior eficácia dos papéis parentais, assim como ao melhor ajustamento das crianças em famílias de pais divorciados (Henry & Peterson, 1995; Leite & McHenry, 2002). Os dados apontam em geral para valores de satisfação parental altos e em que contribuem diversos factores, não sendo uniforme a sua contribuição em todas as categorias de pais. Embora não haja consenso em relação aos diferentes factores que influenciam a satisfação parental, Goetting (1986), aponta

alguns: género do progenitor e da criança, habilitações literárias, estado civil, vínculo laboral, estrutura familiar, idade, número de filhos.

Género progenitor

Goetting (1986) num artigo de revisão sobre satisfação parental apresenta resultados contrários na relação entre género e satisfação parental, enquanto alguns dos estudos apontam os pais mais felizes do que as mães, outros apresentam resultados opostos. Estudos mais recentes continuam a apresentar esta dualidade, uns apresentam o pai como tendo maiores níveis de satisfação que a mãe (Pittman & Lloyd, 1988; Jonhston & Mash, 1989; Freysinger, 1994; Henry & Peterson, 1995; Tiedje & Darling-Fisher, 1996; Renk, Roberts, Roddenberry, Luick, Meehan, Oliveros, & Phares, 2003), outros apresentam a mãe (Menéndez, Salgado & Hidalgo, 1996; Reece & Harkless, 1998; Rogers & White, 1998; Brage Hudson, Elek & Fleck, 2001; Elek, Brage Hudson & Bouffard, 2003). Este facto é justificado como reflexo do conceito de satisfação parental ser multidimensional. A maternidade é vista como a primeira forma de parentalidade, onde habitualmente as mães expressam sentimentos de grande felicidade no seu papel de mães, mas têm a noção que a maternidade também tem uma componente de restrição de liberdade e um acréscimo de trabalho. Por outro lado, grande parte dos estudos apresentam amostras constituídas apenas por mães, pois esta é vista como a principal cuidadora da criança, enquanto esta é recém nascida. Além disso, os estudos com amostras de pais e mães em que comparem a satisfação parental, são mais difíceis de encontrar (Goetting, 1986; Elek et al, 2003). Os primeiros tempos de vida de um recém-nascido implicam grandes mudanças na estrutura familiar (Pancer, Pratt, Hunsberger & Gallant, 2000), cabe aos pais aprenderem a desempenhar novas tarefas, dividindo os seus papéis de marido/mulher com o de pai/mãe (Elek et al, 2003).

Género criança

O género da criança é apontado por alguns autores como tendo influencia no nível de satisfação parental (Goetting, 1986). Contudo, os seus resultados relativamente ao género do filho são controversos, não havendo consenso entre os estudos na relação entre este ponto e o nível de satisfação parental (Goetting, 1986; Boernstein, Hendricks, Hahn, Haynes, Painter, Tamis- LeMonda, 2003). Em estudos mais recentes, os pais de rapazes apresentam níveis de satisfação parental mais elevados, do que os pais de raparigas, além disso participam mais nos cuidados com o bebé (Henry & Peterson, 1995; Brage Hudson et al, 2001; Knauth, 2001; Elek et al, 2003). Os autores referem que este facto pode estar associado com uma maior identificação entre o progenitor e a criança, assim como a existência de interesses comuns.

Relação laboral

Goetting (1986) refere que a satisfação com o trabalho desenvolvido, pode ser um factor que influencia a satisfação parental embora não seja totalmente consensual em todos os estudos. O facto das mães poderem optar por trabalhar ou não, está relacionado com maiores níveis de satisfação parental (Lerner & Galambos, 1985; Goetting, 1986). Para Hoffman (1989), as mães que trabalham apresentam maiores níveis de satisfação. Isto acontece porque a mãe ao sentir-se realizada no seu emprego, interage mais com a criança e apresenta sentimentos mais positivos para com ela. Contudo, Tulman & Fawcett (1990) no seu estudo, destacam o facto das mães de crianças pequenas trabalharem não altera o grau de satisfação. Gottfried & Gottfried (2006) no seu estudo longitudinal, encontraram relação entre a relação laboral e a satisfação das mães, segundo eles, mães com horários mais flexíveis e menos horas de trabalho apresentavam maiores níveis de satisfação parental.

Habilitações literárias

O nível de habilitações literárias das mães é algo que é indicado nas características sócio demográficas dos estudos, mas habitualmente não é estudada a sua relação com a satisfação parental. Uma das razões prende-se com o facto de os estudos terem amostras que não são representativas da população, apresentando amostras de mães das classes média e alta e caucasianas (Bornstein et al, 2003; Glade et al, 2005). Mercer (1986) destaca as mães com habilitações literárias mais altas como tendo níveis de satisfação mais baixos durante o primeiro ano de vida do bebé. Contudo, estudos mais recentes, Erdwins, Buffardi, Casper, O'Brien (2001) e Bornstein et al (2003) apresentam as mães das classes sociais mais altas, como aquelas que apresentam maiores níveis de satisfação. Tendo estas maiores conhecimentos sobre a parentalidade e maiores apoios sociais. Goetting (1986) e Ozgun & Honig (2005) referem que as mães com níveis educacionais mais altos apresentam maiores níveis de satisfação, pois é delas a opção de serem mães, embora este não seja o principal objectivo das suas vidas. Renk et al (2003), no seu estudo os pais interagiam mais com os filhos, apresentando níveis de satisfação mais altos. Este facto poderá ser explicado pelo facto de a amostra ser constituída por pais com habilitações literárias a nível superior e por isso, terem maiores conhecimentos da importância da relação com os seus filhos e maior flexibilidade de horários.

Estado civil

Segundo Goetting (1986), Pittman & Lloyd (1988), Rogers & White (1998), Ceballo et al (2004), Kaitz & Katzir (2004) e Perrone, Webb, & Jackson, (2007), ambos sugerem que o estado civil pode influenciar o nível de satisfação parental. Para Isabella & Belsky (1985),

existem grandes mudanças na qualidade da relação matrimonial entre o último trimestre da gravidez e os primeiros nove meses de pós parto, destes os primeiros três meses são aqueles onde se notam maiores alterações. Este declínio é mais evidentes nas mães do que nos pais. Os resultados encontrados no seu estudo confirmam isso que no último trimestre de gravidez e primeiros três meses de pós parto as mães apresentaram valores de maior insatisfação para com a sua relação marital. Knauth (2000) destaca os primeiros quatro meses de vida como aqueles em que há uma ligeira diminuição de satisfação no casal. Também Wicki (1999), refere que os primeiros dois meses são de grande alteração, depois existe um período de adaptação até aos seis meses e uma habituação até ao primeiro ano. As mães que apresentaram menor declínio na satisfação com o cônjuge, por terem maior apoio deste, conseguiram ter uma relação de vinculação mais segura com os seus bebés (Isabella & Belsky, 1985).

Com as mudanças que têm ocorrido nas últimas décadas, na nossa sociedade e no conceito de família, levou ao aparecimento de três tipos de pais: pais biológicos com filhos desse casamento (famílias clássicas), mãe/pai sozinhos com filhos por divórcio ou solteiros (famílias mono parentais) e os “stepparents” (famílias reconstituídas, com filhos não comuns ao casamento) (Ishii-Kuntz & Ihinger-Tallman, 1991; INE, 2002; Knoester & Eggbeen, 2006). Goetting (1986) refere que os pais sozinhos apresentam maiores níveis de satisfação do que os pais casados. Contudo, os estudos de Fine, Donnelly & Voydanoff (1986) e Pittman & Lloyd (1988) não corroboram este facto, nestes estudos os pais sozinhos apresentaram os valores de satisfação mais baixos quando comparados com pais casados ou recasados. Este facto poderá ser explicado pelo facto dos pais que têm que educar um filho sozinhos não têm com quem partilhar as preocupações ou as tarefas do dia-a-dia, assim como o encargo económico inerente com o crescimento da criança (Fine et al, 1986). Ishii-Kuntz & Ihinger-Tallman (1991), no seu estudo são os pais biológicos, num primeiro casamento que apresentam os valores mais altos de satisfação parental, seguindo-se os pais biológicos recasados. Por fim, com os níveis mais baixos de satisfação parental temos os “stepparents”. Para estes autores, o facto de se ser pai pela primeira vez parece ser mais satisfatório, do que ser pai numa família onde já existiam filhos, de um ou de ambos os membros do casal. Minton & Pasley (1996) encontraram valores mais altos de satisfação nos pais não divorciados. Também Rogers & White (1998) no seu estudo, os pais biológicos casados foram os que apresentaram valores mais altos de satisfação parental. Contudo, Ceballo et al (2004), quando compararam pais adoptivos com pais biológicos ou “stepparents”, encontraram valores de satisfação mais altos nos pais adoptivos do que nos pais biológicos ou “stepparents”. Este facto pode ser explicado pelo facto de tanto os pais biológicos, como os “stepparents” verem a criança como uma fonte de despesa, de ocupação de tempo e de interferência na relação do casal. Para os pais adoptivos, a adopção de uma criança é

o culminar feliz, de uma situação dolorosa, muitas vezes que se arrasta no tempo, de infertilidade do casal, daí o nível de satisfação destes pais ser elevado.

Suporte Social

A transição para a parentalidade implica uma adaptação às tarefas associadas a cada progenitor, sendo os primeiros anos o período mais stressante para os pais, factores como a auto-eficácia e a satisfação parental variam ao longo do ciclo de vida (Cowan, Cowan, Heming, Garrett, Coysh, Curtis-Boles, & Boles III, 1985; Pittman et al, 1989; Erdwins et al, 2001; Brage Hudson et al, 2001; Elek et al, 2003; Brage Hudson, Campbell-Grossman, Elek, Fleck, & Shipman, 2003). O sentido de competência da mãe está relacionado com o suporte emocional, em particular do marido/companheiro, assim como com a divisão de tarefas nos cuidados do bebé. As mães com maior suporte social adaptam-se mais facilmente ao seu novo papel (Belsky, 1984; Goetting, 1986; Mercer, & Ferketich, 1994; Goldstein, Diener, Mangelsdorf, 1996; Feldman, 2000; Graham, Fischer, Crawford, Fitzpatrick, & Bina, 2000; Knauth, 2000, 2001; Pancer et al, 2000; Boernstein et al, 2003; Hsu, 2004; Gottfried & Gottfried, 2006). O suporte dado pelos amigos, a privacidade em casa, a partilha de problemas com os pais e marido, fazem aumentar a satisfação maternal (Pittman et al, 1989; Goetting, 1986; Pittman & Lloyd, 1988, Menéndez et al, 1996; Pridham et al, 2001).

A satisfação parental também está relacionada com o apoio que os novos pais tiveram dos seus pais e em que estes servem de modelo para o relacionamento e a vinculação com o novo bebé (Cox, Owen, Lewis, Riedel, Scalf- McIver, & Suster, 1985; Perrone et al, 2007). Os pais que são apoiados nas primeiras semanas de transição para a parentalidade, através de programas educacionais apresentam melhores níveis de eficácia e de satisfação parental (Brage Hudson et al, 2003). Assim como, o apoio de outros casais que foram pais há pouco tempo, é uma importante fonte de apoio social (Glade et al, 2005).

Ciclo de vida

A fase inicial de transição para a parentalidade é uma das mais intensas em matéria de sentimentos, pois existe uma grande ambiguidade entre aspectos positivos e negativos. Por um lado a alegria de se ser mãe/pai, mas por outro a responsabilidade e as preocupações inerentes ao bom desempenho desta nova tarefa (Goetting, 1986; Martin, Halverson, Wampler, & Howllett-Wright, 1991; Pridham & Chang, 1992; Waldron-Hennessey & Sabatelli, 1997; Pancer et al, 2000; Brage Hudson et al, 2003). Os pais apresentam maiores níveis de satisfação quando os filhos são pequenos e menores quando são adolescentes e adultos (Goetting, 1986; Pittman et al, 1989; Umberson & Gove, 1989; Pridham et al, 2001; Brage Hudson et al, 2003;

Elek et al, 2003). Pridham et al (2001) referem que é importante o momento de avaliação do grau de satisfação, pois no seu estudo encontraram diferenças positivas entre um e quatro meses, havendo depois estabilização dos valores até aos doze meses. Estes resultados foram consistentes com outros estudos (Elek et al, 2003; Brage Hudson et al, 2003). Pridham & Chang (1992), assim como Goldstein et al (1996), estes apresentam os primeiros três meses de vida do bebé como de grande stress, muito importantes para o equilíbrio da relação mãe-bebé. O primeiro mês é o mais difícil, havendo depois um equilíbrio ao segundo ou terceiro mês de vida do bebé. No estudo de Ragozin, Basham, Crnic, Greenberg, & Robinson (1982), estes quando comparam as idades das mães com satisfação, encontram valores de satisfação parental mais altos nas mães mais velhas. Também Goetting (1986) refere que os pais que adiam o nascimento de um filho, permitindo que a sua carreira se consolide, apresentam níveis de satisfação mais altos. Mercer (1986) no seu estudo não corrobora este facto, neste, as mães mais velhas e com maiores habilitações literárias, apresentam valores mais baixos com o papel maternal.

Papel desempenhado mãe/pai

O conceito de família, assim como os papéis associados a cada um dos seus membros, tem vindo a mudar ao longo dos tempos. Tradicionalmente, cabia ao homem providenciar através do seu trabalho, os bens materiais para a casa e, à mulher as tarefas associadas com a maternidade (Pittman et al, 1989; INE, 2002). Goetting (1986) destaca os pais com tarefas tradicionais com níveis mais altos de satisfação. Contudo, os estudos de Freysinger (1994) e Renk et al (2003) apresentam resultados contrários, maior interacção com os filhos através das tarefas de lazer aumentaram o nível de satisfação dos pais. Os pais tinham maiores níveis de satisfação que as mães, segundo os autores podem existir duas explicações por um lado o facto da mãe trabalhar fora e contribuir financeiramente para as despesas da casa, permite que o pai possa tomar parte das actividades com a criança. Por outro lado, a mãe pelo facto de ter duas importantes tarefas na sua vida pode estar exposta a níveis mais altos de stress e por isso apresentar alguma insatisfação parental (Renk et al, 2003). Também as mães, com valores mais altos de desenvolvimento do ego, conseguem ser mais afectivas na maternidade, mas em situações adversas rapidamente baixam os níveis de satisfação parental e têm grandes dificuldades em lidar com as situações diárias a que os novos pais estão sujeitos (Luthar, Doyle, Suchman, & Mayes, 2001).

Ao longo de toda esta revisão da literatura sobre a satisfação parental, foi fácil constatar que muito embora este seja um tema de grande interesse por parte dos vários profissionais que lidam diariamente com pais e bebés, existe grande controvérsia nos estudos. É necessário

desenvolver mais trabalhos, com amostras maiores e ao longo do tempo para que seja possível cada vez mais encontrar os factores que podem potenciar a relação de paternidade.

O objectivo deste trabalho é de testar o instrumento *Parent Satisfaction Scale* na realidade portuguesa.

Método

Participantes

Os participantes são 209 mães com uma média de idades de 32.7 anos (DP=5.3). Os filhos tinham uma média de idade de 2.9 meses (DP= 0.9). As habilitações literárias das mães são em média de 15.1 anos (DP=3.1). Todas as mães estão casadas ou em união de facto. O Instrumento foi aplicado uma segunda vez com um intervalo de 2 meses a 95 mães.

Instrumentos/Procedimento

A Escala de Satisfação Parental (Parent Satisfaction Scale (PSS), Halverson & Duke, 1991), foi aplicada num estudo longitudinal de dois anos, a mães e pais, com o objectivo de avaliar o grau de satisfação parental destes pais. Esta escala é constituída por 30 itens, as respostas são cotadas por uma escala tipo Likert que compreende sete possibilidades de resposta desde o discordo sempre (1) ao concordo sempre (7). Este instrumento procura avaliar o nível de satisfação dos pais, nomeadamente, no que diz respeito a três dimensões: Prazer nos cuidados parentais (1), Carga dos cuidados parentais (2), Importância dos cuidados parentais (3).

(1) Prazer nos cuidados parentais

Esta sub-escala é constituída por 8 itens, avalia em particular as questões relacionadas com o facto de se ser Pai e do prazer que isso representa. Por exemplo “Ter filhos vale todos os sacrifícios”; “Ver os filhos a crescer e a desenvolverem-se é especialmente satisfatório”. Uma cotação alta implica maior satisfação dos pais com os cuidados parentais.

(2) Carga dos cuidados parentais

Esta sub-escala é constituída por 10 itens, uns cotados de forma positiva e outras de forma negativa. Esta sub-escala tenta avaliar de que forma é que o nascimento dos filhos altera as rotinas dos pais e o impacto que isso tem nas suas vidas. Por exemplo “os filhos limitam a minha liberdade”; “Só de pensar no tempo que passamos juntos faz-me feliz”.

(3) Importância dos cuidados parentais

Esta sub-escala é constituída por 9 itens, cotados de forma positiva, por isso quanto maior o resultado maior o grau de satisfação. Pretende avaliar a importância da paternidade na vida dos

pais. Por exemplo “ Comparado com trabalho fora de casa criar filhos é mais satisfatório”; “Ser pai/mãe é o melhor processo para atingir realização pessoal”. Os itens 8, 13 e 29 não são cotados mas contribuem para o resultado final de satisfação parental.

Resultados

Análise das dimensões da escala

Os valores descritivos de cada uma das sub-escalas encontram-se apresentados na tabela 1, assim como, os respectivos Alfas de *Cronbach*.

Tabela 1 - Média, Desvio Padrão e Alfa nas três dimensões da Escala

Dimensões	Média	Desvio Padrão	Alfa
Prazer nos cuidados (PC)	6.6	0.54	0.78
Carga dos cuidados parentais (CPP)	2.2	0.73	0.80
Importância dos cuidados parentais (ICP)	6.0	0.75	0.82

Como se pode observar, na tabela 1, os Alfas para as três dimensões são superiores a .70, valores que indicam níveis aceitáveis de fiabilidade das sub-escalas e comparáveis ao do estudo inicial de que obteve 0.85 em Prazer nos cuidados parentais, 0.80 em Carga dos cuidados parentais e 0.84 em Importância dos cuidados parentais.

Tabela 2 - Correlação entre tempo 1 e tempo 2

	PC2	CCP2	ICP2
Prazer nos cuidados parentais	0.74		
Carga dos cuidados parentais		0.75	
Importância dos cuidados parentais			0.73

**p< .001-

A correlação entre os dois momentos avaliativos demonstram a estabilidade do instrumento ao longo do tempo obtendo valores superiores a .70, estes valores são comparáveis com o estudo inicial que obteve 0.52 para Prazer nos cuidados parentais, 0.71 para Carga dos cuidados parentais e 0.71 para Importância dos cuidados parentais, nas avaliações ao longo do tempo.

Idade e habilitações literárias das mães

Analisaram-se, ainda, as associações entre a idade e habilitações literárias das mães e os valores nas três dimensões da escala. Os resultados são apresentados na Tabela 3.

Tabela 3 - Relação entre a idade e habilitações literárias das mães e as três dimensões da escala

	PC	CCP	ICP
Idade Mãe	-0.16*	0.09	-0.12*
Hab. Literárias	-0.17*	0.17*	-0.29*

p < .05-

Como se pode observar, na Tabela 3, a idade das mães, assim como, as habilitações literárias encontram-se significativa e negativamente correlacionadas com Prazer nos cuidados parentais e Importância dos cuidados parentais. Enquanto as habilitações literárias e a Carga dos cuidados parentais encontram-se significativa e positivamente correlacionados.

Discussão

Este estudo pretendia testar o Parent satisfaction Scale para a realidade portuguesa, através dos valores encontrados de α de *Cronbach* que foram superiores a .70, podemos dizer que a consistência interna encontrada é adequada, pois sabemos que esta varia entre 0 e 1 e que deve ser superior a 0.70, para ser considerada válida (Tuckman, 2005). O instrumento demonstrou estabilidade ao longo do tempo obtendo valores superiores a 0.70, demonstrando que o instrumento é fiável e que pode ser utilizado em Portugal, como importante medida da satisfação parental. Segundo Guidubaldi e Clemishaw (1985), os instrumentos avaliativos são fundamentais para a avaliação desta área onde os estudos ainda são escassos e em que muitas vezes estão muito centrados nas aquisições da criança ou nas técnicas, sendo pouco sensíveis às atitudes.

Relativamente à relação entre as diferentes sub-escalas e a variável idade da mãe, os valores encontrados encontram-se significativa e negativamente correlacionadas com Prazer nos cuidados parentais e Importância dos cuidados parentais, onde se pode perceber que quanto mais velha é a mãe menores os valores de satisfação nestas duas dimensões, o que está de acordo com o estudo de Mercer (1986). Acresce a este facto, as transformações que têm ocorrido no conceito de família e no papel da mulher na sociedade, em que esta não desempenha apenas um papel nas actividades domésticas e de cuidar dos filhos, mas também tem um importante tarefa a nível laboral. Este facto está de acordo com o estudo de Renk et al (2003), segundo estes autores o facto da mulher estar exposta a altos níveis de stress, ao ser solicitada a representar dois papéis, enquanto mãe e funcionária pode levar a que apresente

valores mais baixos de satisfação parental. Outro factor, que pode contribuir para estes resultados é o facto das mães hoje em dia consolidarem primeiro as suas carreiras e adiarem o nascimento do primeiro filho o que leva a que as expectativas sejam muito altas e muitas vezes difíceis de alcançar, uma vez que esta multiplicidade de tarefas nem sempre é pacífica, o que está de acordo com a literatura (Goetting, 1986; Freysinger, 1994; Emery & Lloyd, 2001).

A relação habilitações literárias com Prazer nos cuidados parentais e Importância dos cuidados parentais encontram-se significativa e negativamente correlacionadas, ou seja quanto mais altas as habilitações menores valores obtidos nestas sub-escalas. Estes resultados estão de acordo com o estudo de Mercer (1986). Este facto poderá ser explicado porque hoje em dia ser mãe é na sua maioria um acto pensado, em que a mãe tenta conciliar as duas tarefas no momento mais propício das suas vidas e estas duas sub-escalas centram-se muito na importância dos cuidados com o bebé, em detrimento da profissão. Pelo contrário a correlação entre as habilitações literárias e a Carga dos cuidados parentais encontram-se significativa e positivamente correlacionados, o que quer dizer que quanto mais altas as habilitações literárias maior o nível de satisfação, este facto poderá ser explicado porque esta sub-escala pretende avaliar de que forma é que o nascimento dos filhos altera as rotinas dos pais e o impacto que isso tem nas suas vidas e socialmente muitos casais só se sentem verdadeiramente uma família quando têm filhos (Pittman, Wright, & Lloyd, 1989). Por outro lado, segundo os estudos de Erdwins et al (2001) e de Bornstein et al (2003) as mães com maiores habilitações literárias têm maior suporte social, maior flexibilidade de horários e são mais esclarecidas sobre a importância da relação com o seu filho o que contribui para maior nível de satisfação, o que poderá ser uma explicação para esta correlação.

A satisfação parental é um conceito multi-dimensional, em que a sua avaliação em muito contribui para o esclarecimento das relações pais-bebés, permitindo aos profissionais através destes dados facilitar e potenciar essa relação.

Agradecimentos

Os autores gostariam de agradecer a todas as mães que aceitaram participar neste estudo, financiado em parte pela F.C.T (PTDC/PSI/64149/2006).

Referências

- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: a process model. *Child Development*, 55, 83-96.
- Bornstein, M., Hendricks, C., Hahn, C.S., Haynes, O., Painter, K., & LeMonda, C. (2003). Contributors to self-perceived competence, satisfaction, investment, and role balance in maternal parenting: a multivariate ecological analysis. *Parenting: Science and Practice*, 3(4), 285- 326.
- Brage Hudson, D., Elek, S., & Fleck, M. (2001). First- time mothers' and fathers' transition to parenthood: infant care self-efficacy, parenting satisfaction, and infant sex. *Comprehensive Pediatric Nursing*, 24, 31-43.
- Brage Hudson, D., Campbell-Grossman, C., Elek, S., Fleck, M., & Shipman, A. (2003). Effects of the new parents network on first-time fathers' parenting satisfaction during the transition to parenthood. *Comprehensive Pediatric Nursing*, 26, 217-229.
- Cappuccini, G., & Cochrane, R. (2000). Life with the first baby: women's satisfaction with the division of roles. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 18(3), 189- 202.
- Ceballo, R., Lansford, J., Abbey, A., & Stewart, A. (2004). Gaining a child: Comparing the experiences of biological parents, adoptive parents, and stepparents. *Family Relations*, 53(1), 38- 48.
- Cowan, C., Cowan, P., Heming, G., Garrett, E., Coysh, W., Curtis-Boles, H., & Boles III, A. (1985). Transitions to parenthood: his, hers, and theirs. *Journal of Family Issues*, 6(4), 451- 481.
- Cox, M., Owen, M., Lewis, J., Riedel, C., Scalf-McIver, L., & Suster, A. (1985). Intergenerational influences on the parent-infant relationship in the transition to parenthood. *Journal of Family Issues*, 6, 543- 564.
- Elek, S., Brage Hudson, D. & Bouffard, C. (2003). Marital and Parenting satisfaction and infant care self-efficacy during the transition to parenthood: the effect of infant sex. *Comprehensive Pediatric Nursing*, 26, 45-67.
- Emery, B., & Lloyd, S. (2001). The evolution of family studies research. *Family and Consumer Sciences Research Journal*, 30(2), 197-222.
- Erdwins, C., Buffardi, L., Casper, W., & O'Brien, A. (2001). The relations of women's role strain to social support, role satisfaction, and self-efficacy. *Family Relations*, 50, 230- 238.
- Feldman, R. (2000). Parents' convergence on sharing and marital satisfaction, father involvement, and parent-child relationship at the transition to parenthood. *Infant Mental Health Journal*, 21(3), 176- 191.
- Fine, M., Donnelly, B., & Voydanoff, P. (1986). Adjustment and satisfaction of parents a comparison of intact, single-parent, and stepparent families. *Journal of Family Issues*, 7, 391- 404.
- Freysinger, V. (1994). Leisure with children and parental satisfaction: further evidence of a sex difference in the experience of adult roles and leisure. *Journal of Leisure Research*, 26(3), 212-226.
- Gjerdingen, D., & Center, B. (2005). First-time parents' postpartum changes in employment, childcare, and housework responsibilities. *Social Science Research*, 34, 103-116.
- Glade, A., Bean, R., & Vira, R. (2005). A prime time for marital/ relational intervention: a review of the transition to parenthood literature with treatment recommendations. *The American of Family Therapy*, 33, 319- 336.

- Goetting, A. (1986). Parental satisfaction: A review of research. *Journal of Family Issues*, 7, 83-109.
- Goldstein, L., Diener, M., & Mangelsdorf, S. (1996). Maternal characteristics and social support across the transition to motherhood: associations with maternal behavior. *Journal of Family Psychology*, 10(1), 60- 71.
- Gottfried, A., & Gottfried, A. (2006). A long-term investigation of the role of maternal and dual-earner employment in children's development. The Fullerton longitudinal study. *American Behavioral Scientist*, 49(10), 1310-1327.
- Graham, C., Fischer, J., Crawford, D., Fitzpatrick, J., & Bina, K.(2000). Parental status, social support, and marital adjustment. *Journal of Family Issues*, 21, 888- 905.
- Guibaldi, J., & Cleminshaw, H. (1985). The development of the Cleminshaw-Guidubaldi parent satisfaction scale. *Journal of Clinical Child Psychology*, 14(4), 293-298.
- Henry, C., & Peterson, G. (1995). Adolescent social competence, parental qualities, and parental satisfaction. *American Journal of Orthopsychiatry*, 65(2), 249-262.
- Hoffman, L. (1989). Effects of maternal employment in the two-parent family. *American Psychologist*, 44, 283- 292.
- Hsu, H.C. (2004). Antecedents and consequences of separation anxiety in first-time mothers: infant, mother, and social-contextual characteristics. *Infant Behavior & Development*, 27, 113-133.
- Instituto Nacional de Estatística (2002). *Mulheres e Homens em Portugal nos Anos 90*. Consultado em Março de 2008, http://www.ine.pt/portal/page/portal/PORTAL_INE/Estudos?ESTUDOSest_boui=106436&ESTUDOSmodo=2
- Instituto Nacional de Estatística (2007). *Idade média da mãe ao nascimento do primeiro filho (Anos)*. Consultado em Março de 2008, http://www.ine.pt/portal/page/portal/PORTAL_INE/bddXplorer?indOcorrCod=0001291&Contexto=bd&selTab=tab2.
- Isabella, R., & Belsky, J. (1985). Marital change during the transition to parenthood and security of infant-parent attachment. *Journal of Family Issues*, 6, 505- 522.
- Ishii-Kuntz, M., & Ihinger-Talman, M. (1991). The subjective well-being of parents. *Journal of Family issues*, 12, 56-68.
- Johnston, C., & Mash, E. (1989). A measure of parenting satisfaction and efficacy. *Journal of Clinical Child Psychology*, 18(2), 167- 175.
- Kaitz, M., & Katzir, D. (2004). Temporal changes in the affective experience of the new parents and their spouses. *Infant Mental Health Journal*, 25(6), 540- 555.
- Knauth, D. (2000). Predictors of parental sense of competence for the couple during the transition to parenthood. *Research in Nursing and Health*, 23, 496- 509.
- Knauth, D. (2001). Marital change during the transition to parenthood. *Pediatric Nursing*, 27(2), 169-184.

- Knoester, C., & Eggbeen, D. (2006). The effects of the transition to parenthood and subsequent children on men's well-being and social participation. *Journal of Family Issues*, 27, 1532- 1560.
- Leite, R., & McHenry, P. (2002). Aspects of father status and postdivorce involvement with children. *Journal of Family Issues*, 23(5), 601-623.
- Lerner, J. & Galambos, N. (1985). Maternal role satisfaction, mother-child interaction, and child temperament: a process model. *Development Psychology*, 21(6), 1157-1164.
- Luthar, S., Doyle, K., Suchman, N., & Mayes, L. (2001). Developmental themes in women's emotional experiences of motherhood. *Development and Psychopathology*, 13, 165- 182.
- Martin, P., Halverson, C., Wampler, K., & Hollett-Wright, N. (1991). Intergenerational differences in parenting styles and goals. *International Journal of Behavioural Development*, 14(2), 195-207.
- Menéndez, S., Salgado, C., & Hidalgo, V. (1996, August). *Social support and parent's satisfaction during the transition to parenthood*. Paper presented at the 14 th Biennial Meeting of the International Society for the Study of Behavioural Development, Quebec.
- Mercer, R. (1986). *First-time motherhood: Experiences from teens to forties*. New York: Springer.
- Mercer, R., & Ferketich, S. (1994). Predictors of maternal role competence by risk status. *Nursing Research*, 43(1), 38- 43.
- Minton, C., & Pasley, K. (1996). Fathers' parenting role identity and father involvement: a comparison of nondivorced and divorced, non-resident fathers. *Journal of Family Issues*, 17(1), 26- 45.
- Ozgun, O. & Honig, A. (2005). Parental involvement and spousal satisfaction with division of early childcare in turkish families with normal children and children with special needs. *Early child Development and Care*, 175(3), 259-270.
- Pancer, S., Pratt, M., Hunsberger, B., & Gallant, M. Thinking ahead: Complexity of expectations and the transition to parenthood. *Journal of Personality*, 68(2), 253-280.
- Perrone, K., Webb, L., & Jackson, Z. (2007). Relationships between parental attachment, work and family roles, and life satisfaction. *The Career Development Quarterly*, 55, 237- 248.
- Pittman, J., & Lloyd, S. (1988). Quality of family life, social support and stress. *Journal of Marriage and Family*, 50 (1), 53-67.
- Pittman, J., Wright, C., & Lloyd, S. (1989). Predicting parenting difficulty. *Journal of Family Issues*, 10 (1), 267-286.
- Pridham, K., & Chang, A. (1992). Transition to being the mother of a new infant in the first 3 months: maternal problem solving and self-appraisals. *Journal of Advanced Nursing*, 17, 204- 216.
- Pridham, K., Lin, C.H., & Brown, R. (2001). Mothers' evaluation of their caregiving for premature and full-term infants through the first year: contributing factors. *Research in Nursing & Health*, 24, 157- 169.
- Ragozin, A., Basham, R., Crnic, K., Greenberg, M., & Robinson, N. (1982). Effects of maternal age on parenting role. *Developmental Psychology*, 18, 627- 634.
- Reece, S., & Harkless, G. (1998). Self-efficacy, stress, and parental adaptation: Applications to the care of childbearing families. *Journal of Family Nursing*, 4(2), 198-215.

- Renk, K., Roberts, R., Roddenberg, A., Luick, M., Hillhouse, S., Meehan, C. Oliveros, A., & Phares, V. (2003). Mothers, fathers, gender role, and time parents spend with their children. *Sex Roles*, 48 (7/8), 305-315.
- Rogers, S., & White, L. (1998). Satisfaction with parenting: the role of marital happiness, family structure, and parents' gender. *Journal of Marriage and the Family*, 60(2), 293- 308.
- Sabatelli, R., & Waldron, R. (1995). Measurement issues in the assessment of the experiences of parenthood. *Journal of Marriage and the Family*, 57, 969-980.
- Statistical Office of the European Communities (Eurostat). Consultado em Março de 2008.
http://epp.eurostat.ec.europa.eu/portal/page?_pageid=1996,39140985&_dad=portal&_schema=PORTAL&screen=detailref&language=en&product=Yearlies_new_population&root=Yearlies_new_population/C/C1/C13/cab10512.
- Statistical Office of the European Communities (Eurostat). Consultado em Março de 2008.
http://epp.eurostat.ec.europa.eu/portal/page?_pageid=1996,39140985&_dad=portal&_schema=PORTAL&screen=detailref&language=en&product=Yearlies_new_population&root=Yearlies_new_population/C/C1/C12/cab12048.
- Tiedje, L., & Darling-Fisher, C. (1996). Fatherhood reconsidered: A critical review. *Research in Nursing and Health*, 19, 471-484.
- Touliatos, J., Pelmutter, B.F. & Holden, G.W. (Eds). (2001). *Handbook of family measurements techniques, vol. 2. Abstracts*. Sage Thousand Oaks.
- Tuckman, B. (2005). *Manual de investigação em educação*. (3ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Tulman, L., & Fawcett, J. (1990). Maternal employment following childbirth. *Research in Nursing and Health*, 13, 181- 188.
- Umberson, D., & Gove, W. (1989). Parenthood and psychological well-being: theory, measurement, and stage in the family life course. *Journal of Family Issues*, 10(4), 440-462.
- Vicary, J., & Corneal, D. (2001). A comparison of young women's psychosocial status based on age of their first childbirth. *Family Community Health*, 24(2), 73-84.
- Waldron-Hennessey, R., & Sabatelli, R. (1997). The parental comparison level index: a measure for assessing parental rewards and costs relative to expectations. *Journal of Marriage and the Family*, 59, 824-833.
- White, L., & Booth, A. (1985). The transition to parenthood and marital quality. *Journal of Family Issues*, 6, 435- 449.
- Wicki, W. (1999). The impact of family resources and satisfaction with division of labour on coping and worries after the birth of the first child. *International Journal of Behavioral Development*, 23(2), 431-456.